

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME
(ORGANIZADOR)



**A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS 3**

Atena
Editora
Ano 2020

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME
(ORGANIZADOR)**



**A EDUCAÇÃO COMO DIÁLOGO
INTERCULTURAL E SUA RELAÇÃO
COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS 3**

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
 Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
 Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
 Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
 Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
 Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
 Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
 Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Douglas Santos Mezacas -Universidade Estadual de Goiás
 Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
 Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
 Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
 Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Me. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
 Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
 Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
 Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Posaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E724 A educação como diálogo intercultural e sua relação com as políticas públicas 3 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-56-0

DOI 10.22533/at.ed.560201903

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação – Inclusão social. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” reuni pesquisas entorno de um debate atualizado e propositivo sobre a educação no Brasil. Apresentamos um conjunto de resultados e propostas que visam contribuir com a educação brasileira a partir de um diálogo intercultural e suas relações com as políticas públicas em educação.

São 108 artigos divididos em 5 Volumes. No Volume 1, os artigos foram reunidos em torno de temáticas voltadas para Políticas Públicas, Gestão Institucional e História e Desafios Socioeducacionais, totalizando 20 textos inéditos.

No Volume 2, os temas selecionados foram Educação Superior e Formação de Professores. São 21 artigos que chamam para um diálogo propositivo e instigante. O índice é um convite a leitura.

Compõe o Volume 3, 25 artigos em torno das temáticas Prática Pedagógica, Educação Especial e Interdisciplinaridade. Este volume é bem crítico e traz propostas inovadoras que merecem atenção especial do leitor.

O Volume 4 traz 20 artigos bem estruturados e também inéditos que discorrem sobre práticas e propostas para a prática do uso das tecnologias em espaço escolar e da Educação de Jovens e Adultos.

Fechamos a obra com 22 artigos selecionados para o Volume 5, agrupados em torno das temáticas do Ensino Fundamental, da Educação Infantil e de Gênero e Racismo.

A obra “A Educação como Diálogo Intercultural e sua Relação com as Políticas Públicas” está completa e propõe um diálogo útil ao leitor, tanto no desenvolvimento de novas pesquisas quanto no intercâmbio científico entre pesquisadores, autores e leitores.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO E USO DO SMARTSCÓPIO: PONTES PEDAGÓGICAS ENTRE A UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO BÁSICA	
Fernando Lourenço Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.5602019031	
CAPÍTULO 2	9
AS ATRIBUIÇÕES DO PEDAGOGO MILITAR: DESAFIOS, LIMITES E POSSIBILIDADES	
Tamara Aretta Mauerberg Teche de Farias Patricia D'Azeredo Orlando Bacciotti	
DOI 10.22533/at.ed.5602019032	
CAPÍTULO 3	21
CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: PROCESSOS DE CRITICIDADE GERADORES DE TRANSFORMAÇÃO	
Elizandra Sirlei Del Zotto Ritter Patricia Thoma Eltz	
DOI 10.22533/at.ed.5602019033	
CAPÍTULO 4	30
O PENSAMENTO SISTÊMICO E A PRÁTICA DOCENTE NOS PROCESSOS AVALIATIVOS	
Márcia Lopes Leal Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.5602019034	
CAPÍTULO 5	38
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE – PRINCIPIOLOGIA DE AVALIAÇÃO	
Adelcio Machado dos Santos Jucielle Marta Baldissareli	
DOI 10.22533/at.ed.5602019035	
CAPÍTULO 6	48
UMA INTELIGÊNCIA POR TODAS	
Matheus de Barros Silva Cardoso Henrique Lílian Coutinho de Barcelos Geisa Fonseca de Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.5602019036	

CAPÍTULO 7	53
“ENXERGANDO” LONGE A PARTIR DAS RECOMENDAÇÕES DO W3C: POSSIBILIDADES ACESSÍVEIS PARA PESSOAS COM BAIXA VISÃO NA WEB	
Luciana de Jesus Botelho Sodré dos Santos	

CAPÍTULO 8 64

A VELOCIDADE E LEGIBILIDADE DA ESCRITA MANUAL DE DISLÉXICOS EM UMA TAREFA DE PRODUÇÃO TEXTUAL

Natália Lemes dos Santos
Monique Herrera Cardoso
Simone Aparecida Capellini

DOI 10.22533/at.ed.5602019038

CAPÍTULO 9 73

ACESSIBILIDADE DOS CONTEÚDOS EDUCACIONAIS *ONLINE* NA PERSPECTIVA DA EXPERIÊNCIA DO ALUNO CEGO

Isolda Veronese Moniz Vianna Lisboa

DOI 10.22533/at.ed.5602019039

CAPÍTULO 10 79

AS POLÍTICAS DE FINANCIAMENTO PARA A EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA NO BRASIL

Taynara Maria Mendonça de Souza
Raquel Martins de Oliveira
Ana Maria Alves Pereira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.56020190310

CAPÍTULO 11 90

COMPORTAMENTO INFOCOMUNICACIONAL DOS ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR LUDOVICENSE (UFMA, UEMA, IFMA E UNICEUMA): UMA PROPOSTA DE PESQUISA

Isabel Cristina dos Santos Diniz
Raimunda de Jesus Araújo Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.56020190311

CAPÍTULO 12 102

CONCEPÇÕES DE CUIDADO PARA INDIVÍDUOS COM TEA: POSSIBILIDADES A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Gabrieli Quevedo Meira
Jassonia Lima Vasconcelos Paccini

DOI 10.22533/at.ed.56020190312

CAPÍTULO 13 115

DESEMPENHO ORTOGRÁFICO E METAFONOLÓGICO DE ESCOLARES COM DISLEXIA MISTA APÓS INTERVENÇÃO: ESTUDO DE CASO

Gabriela Franco dos Santos Liporaci
Simone Aparecida Capellini

DOI 10.22533/at.ed.56020190313

CAPÍTULO 14	122
DIFICULDADE OU TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM: DIFERENCIANDO E COMPREENDENDO	
Miryan Cristina Buzetti Regiane da Silva Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.56020190314	
CAPÍTULO 15	128
NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Carolina Magro de Santana Braga Fabiana Maris Versuti	
DOI 10.22533/at.ed.56020190315	
CAPÍTULO 16	132
O ENSINO DA MÚSICA PARA ALUNOS SURDOS: UMA REVISÃO NACIONAL	
Brenda Novaes de Araújo Miryan Cristina Buzetti	
DOI 10.22533/at.ed.56020190316	
CAPÍTULO 17	139
O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: BUSCA DE UM DIAGNÓSTICO PRECOCE VISANDO A INCLUSÃO	
Thamires Gomes da Silva Amaral Lessa Shirlena Campos de Souza Amaral Viviane de Oliveira Freitas Lione Cristina Maria Carvalho Delou Danielle Gonçalves Novelli Nadir Francisca Sant'Anna	
DOI 10.22533/at.ed.56020190317	
CAPÍTULO 18	155
PRÁTICAS REALIZADAS POR UNIVERSITÁRIOS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS E SUAS FAMÍLIAS	
Tamara Aretta Mauerberg Teche de Farias Carolina Molena Rita de Cássia Petrenas Carlos Eduardo Romano	
DOI 10.22533/at.ed.56020190318	
CAPÍTULO 19	163
USUÁRIOS COM DEFICIÊNCIA E AS BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS BRASILEIRAS E PORTUGUESAS: PRATICANDO ACESSIBILIDADE	
Isabel Cristina dos Santos Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.56020190319	

CAPÍTULO 20	174
A GRAMÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO FLE: SEU LUGAR DE DIREITO	
Edson José Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.56020190320	
CAPÍTULO 21	187
A ORIGEM DO UNIVERSO, DO PLANETA TERRA E DA VIDA: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR NO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA NATUREZA	
Marcos Vinícius Ferreira Vilela Edimarcio Francisco da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.56020190321	
CAPÍTULO 22	198
APROPRIAÇÕES, USOS E RESSIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS: ARTES E OFÍCIOS NA PRAÇA SETE NO HIPERCENTRO DE BELO HORIZONTE	
Alexandra Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.56020190322	
CAPÍTULO 23	214
A CULTURA CIRCENSE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIA	
Sintia Otuka Rossi Josilaine Aparecida Pianoschi Malmonge Maria do Carmo Monteiro Kobayashi	
DOI 10.22533/at.ed.56020190323	
CAPÍTULO 24	221
DISCALCULIA: PINTANDO, CONSTRUINDO E COMPREENDENDO A TABUADA DE MULTIPLICAÇÃO	
Ana Paula de Souza Ewerson Tavares da Silva Gabriela Silva Lemes Jordana de Oliveira do Amaral Luciana Alves da Costa Silva	
DOI 10.22533/at.ed.56020190324	
CAPÍTULO 25	235
ODONTOLOGIA UNIFSP NO SISTEMA PRISIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Alessandra Rigotti Menezes Vinicius Humberto Nunes Luciene Patrici Papa Eduarda Gimenes Correa	
DOI 10.22533/at.ed.56020190325	
SOBRE O ORGANIZADOR	242
ÍNDICE REMISSIVO	243

A GRAMÁTICA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO FLE: SEU LUGAR DE DIREITO

Data de aceite: 11/03/2020

Data de submissão: 19/01/2020

Edson José Gomes

Universidade Estadual de Maringá - UEM

Maringá - Paraná

<http://lattes.cnpq.br/0134163931263084>

RESUMO: Este trabalho visa apresentar os aspectos do ensino e aprendizagem do FLE no âmbito da gramática, tendo em vista que no Projeto de pesquisa: “O papel da gramática na aprendizagem do francês língua estrangeira (FLE)”, foi constatado que a abordagem das regras gramaticais se revela como importante ferramenta para a aquisição e desenvolvimento da competência linguística, proporcionando a produção de enunciados pertinentes à língua francesa. Metodologicamente, se encaixa no modelo de pesquisa qualitativa e tem como sujeitos da investigação os acadêmicos do curso de Letras Português/Francês da UEM, onde foi coletado o *corpus* para análise por meio de um questionário investigativo. Os resultados revelam que é possível harmonizar os conflitos provocados pelas diferentes óticas imprimidas sobre a gramática e que a principal questão não consiste em se devemos ou não ensinar e sim em que condições podemos empregá-la de maneira satisfatória.

PALAVRAS-CHAVE: gramática, francês, língua estrangeira

GRAMMAR IN TEACHING AND LEARNING
FLE PROCESS: IN YOUR RIGHFUL PLACE

ABSTRACT: This article aims to present the aspects of teaching and learning of FLE in the grammar area, considering that in the research project: “The part of grammar in learning French as a foreign language (FLE)”, it was noticed the approach of grammar rules. It proves to be an important tool for the acquisition and development of language competence, providing the production of statements relevant to the French language. Methodologically, it fits into the qualitative research type and has as research subjects the students of the Portuguese/French UEM Letters course, where the *corpus* was collected for analysis through an investigative questionnaire. The results show that it is possible to harmonize conflicts caused by the different impressions of grammar and that the main question is not if we should or not teach it but under what conditions we can use it satisfactorily.

KEYWORDS: grammar, french, foreign language

1 | INTRODUÇÃO

Professores e pesquisadores na área de ensino e aprendizagem de línguas, tanto materna (LM) quanto estrangeiras (LE), sabem que o professor é bastante tentado a nortear sua abordagem principalmente, e quase sempre, por meio da exposição das regras gramaticais. Pode-se dizer que isto ocorre tendo em vista que boa parte dos manuais tende a estruturar suas lições privilegiando o estudo das regras e preceitos que a língua culta impõe, dentre outras explicações. Conseqüentemente, o professor que se pauta sobremaneira no livro didático acaba estruturando suas aulas da mesma forma que é apresentada em tais livros.

Na esteira dessa questão, muitas pesquisas foram realizadas e hoje é sabido que para se adquirir uma boa competência em uma determinada LE, o domínio das regras gramaticais de uma língua não se constitui em um fator tão imprescindível assim. Nas palavras de Possenti (2002, p.54): “É perfeitamente possível aprender uma língua sem conhecer os termos técnicos com os quais ela é analisada”.

Contrariamente, diversos trabalhos revelam que o conhecimento sistemático da língua que o aprendiz está em processo de aquisição auxilia significativamente no desenvolvimento da competência linguística. Esses últimos são os de interesse no âmbito deste trabalho, uma vez que somos levados a crer na relevância do conhecimento gramatical para o processo de ensino e aprendizagem do francês como língua estrangeira (FLE). Assim, acreditamos que o seu domínio deve funcionar como estratégia para assegurar a aquisição de um nível avançado de competência linguística.

No tocante aos equívocos existentes concernentes à utilização dos preceitos gramaticais no processo de ensino e aprendizagem de uma língua, Antunes (2007, p.21) ressalta que este assunto constitui uma área de muitos conflitos:

Dessa redução provêm os muitos equívocos que fortalecem os preconceitos linguísticos, que alimentam os programas irrelevantes e as práticas inadequadas de ensino, sobretudo quando se desembarca na plataforma da gramática. Pois, se são tortos os olhos com que se vê a língua, em geral, muito mais tortos são eles quando se vê a gramática, em particular.

Nesse sentido, testemunhamos muitas discussões, e mesmo desentendimentos, entre aqueles que defendem o ensino da língua por intermédio de uma abordagem gramatical e os que sustentam sua completa falta de relevância e execram seu uso no ensino e aprendizagem de línguas. Coerentemente, Martinez (2009, p.86) destaca que: “Hoje, a questão não parece ser se devemos ou não devemos ensinar explicitamente a gramática, e sim em que condições é possível levar a gramática a bom termo”.

Diante do exposto, a principal causa para a realização deste trabalho se encontra

no âmbito do ensino e aprendizagem do FLE, se preocupando, especificamente, com o papel que a gramática exerce nesse processo bem como sua abordagem em sala de aula.

Nessa perspectiva, espera atingir os seguintes resultados: colaborar com as discussões no âmbito do ensino e aprendizagem do FLE, contribuindo com o avanço dos estudos no campo da formação dos professores; revelar os aspectos linguísticos que vão além da gramática, acreditando-se que é possível harmonizar os conflitos provocados pelas diferentes óticas sobre ela imprimidas; ampliar as bases teórico-metodológicas na área da Didática das Línguas com o propósito de formar docentes de LE capazes de desenvolver uma prática pedagógica crítico-reflexiva acerca de sua própria atuação. Em suma, o objetivo geral é ampliar o debate em torno de questões que frequentemente vão além do campo da gramática, procurando, principalmente, orientar os caminhos que evidenciam recursos metodológicos associados à modalidade de ensino centrada no aprendiz enquanto agente no processo de adquirir os conhecimentos gramaticais.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Sabemos que a gramática de uma língua forma um entendimento tão amplo e profundo que a sua aprendizagem deveria significar o contentamento dos professores e alunos, representando, assim, todo o esforço nela empenhado.

A tarefa de dominá-la é tão árdua que constantemente presenciamos professores que se esforçam em explicitar incisivamente os aspectos prescritivos e normativos da língua parecendo se distanciarem do ambiente de ensino e aprendizagem para ingressar num grupo de estudiosos linguistas. Consequentemente, os alunos, que passam por tal situação, se veem em uma situação tão complicada que muitas vezes o objetivo de se comunicar usando a língua alvo se transforma em uma missão quase impossível.

Contudo, é importante reconhecer que o domínio dos preceitos gramaticais constitui fator relevante para a aquisição da competência linguística em uma dada língua. Mas, qual gramática deve ser mais adequada ao processo de ensino e aprendizagem? Quais mecanismos é possível desencadear para que ela satisfaça as expectativas dos aprendizes? Essas são questões que procuramos responder no decorrer deste trabalho.

Historicamente, a gramática já desempenhou papel de destaque e de irrelevância no processo de ensino e aprendizagem de línguas, seja materna seja estrangeira:

A gramática, ao longo do tempo, já foi muito valorizada, passou a ser desprezada e agora voltou a ser mencionada ou até requisitada por professores e alunos. Como situá-la hoje no ensino/aprendizagem de LE? Que representação tem os alunos e

Para alguns linguístas, na primeira metade do século XX, aprender uma LE significava conhecer a gramática; assim, o método consistia praticamente na repetição, no uso de regras, na comparação entre LM e LE e no “substitution drills”, que se fundamentava em repetir um modelo de sentença e produzir outras infinitas. Nesse sentido, a repetição de frases era muito empregada. Fries afirmava que: “A gramática deve ser incorporada em sentenças para serem praticadas e repetidas até que o modelo estrutural se torne tão fixado que todas as expressões na nova língua seguirão estes canais sem escolhas conscientes” (*apud* Pires, 1997, p.56).

Para o autor, seria necessário coletar e organizar estruturas, vocabulário e ordenar palavras mais usadas e seguir os passos dessa proposta pela repetição das estruturas. Robert Lado (*apud* Pires, *op.cit.*) também propôs ensinar a língua estrangeira tecendo comparações com a materna, afirmando que dessa maneira seria possível prever as dificuldades linguísticas que os aprendizes iriam confrontar.

Na segunda metade do século XX, ocorreram muitas mudanças no ensino de LE e o papel da gramática sofreu alterações, ou, em vários momentos ela foi até mesmo deixada de lado, para não dizer execrada. A abordagem comunicativa (déc. de 70), por exemplo, entendia a língua como um instrumento de comunicação. Nesse âmbito, houve metodologias a favor da abordagem de técnicas diretas contrárias às de explicações morfosintáticas e de exercícios de gramática. De acordo com elas, os alunos não precisam passar pela aprendizagem de descrições gramaticais, ao contrário de outras metodologias em que a gramática se encontra no centro das atividades, como se pode verificar no método da Gramática e Tradução, entre outros.

No tocante a essa questão, poderíamos fazer a seguinte pergunta: em que medida o conhecimento de gramática se faz necessário para dominar uma LE? A assertiva de Vitullo parece-nos bastante elucidativa:

Se a gramática faz parte do próprio funcionamento da língua, ela não é uma teorização independente em externo à língua, mas funciona como instrumento de compreensão ou explicação e não de rejeição da prática (2011, p.146).

Nessa perspectiva, torna-se evidente que o domínio das regras gramaticais, no caso do ensino e aprendizagem de uma língua diferente da nossa língua materna, visa a “levar os alunos a operar sobre a linguagem, rever e transformar seus textos, perceber nesse trabalho a riqueza das formas linguísticas disponíveis para suas mais diversas opções” (FRANCHI, 2006, p.63-4).

Enfim, faz-se necessário desenvolver nos aprendizes de LE uma autonomia no que diz respeito ao processo de aprender a língua alvo, ou seja, toda vez que eles mesmos julgarem necessário fazer uma verificação gramatical assim devem proceder

de acordo com suas próprias considerações.

2.1 Tipos e conceitos de gramática

A gramática (do grego “gramma” que significa “letra”) surgiu, como se sabe, das reflexões acerca da língua e das primeiras tentativas de descrição e registro das línguas faladas. Quando ela passou a ser abordada em ambientes de ensino e aprendizagem acabou se tornando um fim em si mesma no lugar de servir como instrumento para se chegar ao domínio linguístico. Talvez este conceito tenha perdurado até nossos dias, despertando debates acerca de sua aplicabilidade, como, por exemplo: na metodologia comunicativa, ela não deve ser abordada, já que se pensa, equivocadamente, que a abordagem deve ser puramente voltada para o desenvolvimento da competência oral. Nesse sentido, Vitullo (2011, p.36) faz a seguinte colocação:

Por outro lado, ouve-se falar muito atualmente sobre o “retorno” da gramática. Talvez fosse o caso de se perguntar: será que algum dia ela foi embora? Criou-se um certo preconceito contra todas as tentativas de regularização das línguas sob a alegação de que essa regularização discriminava as outras possibilidades linguísticas.

Somos levados a crer que o conhecimento e domínio das normas gramaticais deve proporcionar segurança ao aprendiz, uma vez que a gramática é uma das ferramentas que permite aprender uma língua fora do contexto familiar, sem ser a língua materna. Sendo assim, ela deve se apresentar de modo muito útil no processo de ensino e aprendizagem de quaisquer línguas.

Tendo em vista se tratar de um sistema bastante complexo e suscetível de diversas concepções, a gramática apresenta, conseqüentemente, diferentes abordagens, sendo dividida, portanto, em tipos e essências distintos uns dos outros. Mpanzu (<http://monampanzu.over-blog.com/tendencias-atuais-no-ensino-e-aprendizagem-da-gramatica-das-linguas-nao-maternas>), formulou o seguinte quadro:

Tipos de gramática	Conceitos
Ativa	Conjunto de regras linguísticas que um aluno domina a um nível de competência ativa. Isso implica muito raciocínio e mobilização de capacidades intelectuais.
Passiva	Conjunto de regras linguísticas que um aluno domina a um nível de reconhecimento.
Normativa ou prescritiva	Usa a língua com base nas normas extraídas de textos literários ou de bom uso definido por referência a uma classe ou a um grupo social de falantes. Ela se enquadra numa perspectiva de defesa e de controle do “falar bem” ou do “escrever bem”.

Descritiva	Limita-se em descrever as formas de expressões comuns e a pluralidade de usos possíveis de acordo com o estado de usuários da língua sem qualquer discriminação. Essa é a gramática de maior referência no ensino das LE uma vez que se interessa apenas pela maneira como a língua e as suas regras funcionam realmente.
Interna	Conjunto de regras da LE tais como são construídas pelo aluno a um dado momento, e que as usa quando fala ou escreve de forma espontânea.
Externa	Conjunto de determinadas regras exteriores ao aluno, as quais são enunciadas pelo professor ou por um manual de gramática.
Contextualizada	A regra é proposta dentro de uma situação de comunicação ou de um texto e não dentro de exercícios artificiais compostos por frases isoladas.
Descontextualizada	A regra é estudada por si só, fora de contexto e com exercícios artificiais compostos por frases isoladas.
Da língua	Conjunto de regras que regem a língua concebida como um sistema de natureza social submetido às convenções coletivas; é exatamente a gramática normativa.
Da fala	Constitui um conjunto de regras que regem a fala, a qual é entendida como a língua em seu estado funcional e tal como é usada concretamente por cada indivíduo que a usa como veículo de comunicação. É o mesmo que a gramática descritiva.
Tradicional	Entende-se toda gramática anterior à gramática estrutural e se caracteriza por: <ul style="list-style-type: none"> • uma perspectiva normativa (gramática normativa) • uma referência à língua escrita culta e literária (gramática da escrita) • uma frequente referência a estados de língua em desuso, ultrapassados (gramática diacrônica) • frequentes incoerências devidas em particular ao recurso simultâneo aos critérios formais e aos critérios semânticos.
Moderna	Vê-se toda variação moderna pós-tradicional da gramática estrutural. Corresponde conceitualmente à gramática descritiva e sincrônica.
Da escrita	Baseia-se nas normas em vigor na língua escrita.
Do oral	Baseia-se nas normas em vigor na língua oral.
Implícita	Ensino da gramática que consiste em proporcionar aos alunos o domínio do funcionamento gramatical sem explicar as regras e sem o uso da metalinguagem.
Explícita	Ensino de gramática que visa à explicação de regras da sala de aula. Uma vez a conceitualização gramatical feita de modo coletivo sob orientação do professor, ela desemboca geralmente numa verbalização do enunciado da regra.
Indutiva	Recurso metodológico que parte de exemplos à regra. Os alunos devem descobrir a regra através de uma série de frases fazendo objeto de uma reflexão coletiva.
Dedutiva	Designa um ensino da gramática que parte das regras aos exemplos.

Semântica ou nomenclacional	Parte de conteúdo semântico que se quer comunicar às formas linguísticas. Tudo começa a partir de categorias de sentidos (noções que ligam o sentido e a sintaxe independentemente da categoria ou classe de palavras): identificação, qualificação, espaço, tempo, etc.
Funcional ou de atos de falas	Procura centrar no sujeito falante suas intenções de comunicação. Esta gramática é deliberadamente orientada para a comunicação. Ela enfatiza um certo número de necessidades em termos de "saber-dizer" tais como, saudar alguém, agradecer, pedir informações, etc. A cada ato de fala correspondem estruturas sintáticas heterogêneas e idiomáticas cuja variedade fica difícil dominar.

Quadro 1 – Tipos e conceitos de gramática

Os conceitos de gramática elencados pelo autor contribuem ao processo de ensino e aprendizagem de língua, tanto materna quanto estrangeiras, no sentido em que esclarecem sua função e seus objetivos didático-linguísticos para a sala de aula.

Assim, professores e alunos devem ter consciência dos objetivos de aprendizagem a fim de valorizar essas contribuições e revelar a relevância das opções metodológicas no âmbito do ensino e aprendizagem de línguas. Nesse sentido, todos esses conceitos gramaticais se revelam importantes para se ensinar uma dada língua.

3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando a delimitação do objeto de estudo, as informações que constituem o *corpus* para análise foram coletadas em uma pesquisa de campo com os acadêmicos do curso de Letras - Português/Francês, da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Paraná, em 2018, por intermédio de um questionário investigativo (anexo) previamente elaborado por este pesquisador.

A finalidade das perguntas foi de obter informações que pudessem responder à problemática estabelecida na pesquisa, qual seja: analisar os aspectos linguísticos do ensino e aprendizagem do FLE no âmbito da gramática. Elas foram preparadas de maneira que os informantes desvelassem suas impressões particulares a fim de caracterizar o tratamento do tema do trabalho e possibilitar a justificativa das respostas fornecidas. Dessa forma, devem definir o perfil de aprendizagem e responder questões que possivelmente infiram no quesito da pesquisa e no comprometimento, ou não, do acadêmico ao assunto.

O trabalho se enquadra no modelo de pesquisa qualitativa. Neves (1996) salienta que esta metodologia se destaca pela aquisição de dados descritivos

por meio do contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo. O pesquisador procura entender os fenômenos consoante a perspectiva dos participantes que constituem sujeitos da situação de estudo e, assim, fundamenta sua compreensão e análise das informações coletadas.

Nessa perspectiva, observa-se que a pesquisa qualitativa propõe contato direto entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa em que este deve constituir parte integrante de seu investigador, tendo em vista que tem de estar inserido no ambiente de maneira que não seja modificado em virtude de sua interferência. Diante dessa situação é que os dados poderão fornecer amostra da realidade do que se deseja investigar e, somente assim, os resultados da análise deverão revelar o que de mais concreto ocorre no ambiente pesquisado.

As bases teóricas das questões discutidas pertencem ao campo da Didática das Línguas, a qual consiste na análise das condições e modalidades do ensino e aprendizagem de língua(s), concentrando-se, especialmente, nos trabalhos realizados em didática do FLE, no que se refere ao seu processo de ensino e aprendizagem em contexto institucional. Dessa forma, Cuq & Gruca (2002, p.54) ressaltam que os fatos que constituem objeto de estudo no âmbito da Didática das línguas são aqueles que se relacionam diretamente com o processo de ensino e aprendizagem em contexto não natural, isto é, institucional.

4 | APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Apresenta-se, inicialmente, a descrição dos informantes desta pesquisa com o propósito de destacar informações relevantes concernentes à procedência do material analisado como *corpus*; assim, foram recolhidas informações a respeito do sexo, idade etc. Os dados apresentados dizem respeito aos cinco anos do curso como um todo, uma vez que não foi constatada a necessidade de informá-los de maneira separada, isto é, por série.

Em sua maior parte, o curso de Letras – Português/Francês apresenta predominância do sexo feminino que constitui 80% dos alunos enquanto somente 20% são do sexo masculino. Quanto à idade, a maioria é bastante jovem, visto que 72,5% tem entre 17 e 22 anos; 15% tem entre 23 e 30 anos e 12,5% tem acima de 31 atingindo até os 41 anos de idade.

Concernente às razões pelas quais escolheram estudar a língua francesa, 55% afirmaram que é uma vantagem poder apresentá-la no *currículo vitae*, já 17,5% informaram que optaram pelo curso de Letras – Português/Francês apenas para conseguir ingressar no curso de Letras desta universidade. A título de informação, a UEM oferece as seguintes habilitações: Português e Literaturas Correspondentes; Português/Inglês e Literaturas Correspondentes; Inglês e Literaturas Correspondentes;

Português/Francês e Literaturas Correspondentes, sendo este que apresenta menor concorrência nos exames do vestibular.

Diante da pergunta 2: “Porque você gosta de estudar a gramática do francês?”, logo de início percebe-se a primazia pela abordagem dos preceitos gramaticais, uma vez que a maioria, 40%, entende que de modo geral ajuda a dominar a língua; 37,5% responderam que facilita a aprendizagem da produção escrita e oral e 22,5% informaram que proporciona o desenvolvimento da competência linguística. Corroborando esta informação, na questão 3, quando questionados por que não gostam de estudar a gramática da LF, 75% dos informantes preferiram não responder++ objetivando, a nosso ver, deixar claro o contrário, ou seja, que gostam de ter aulas nas quais os professores abordam conteúdos gramaticais.

Com a mesma intensidade, na questão 4: “Como você acha que a gramática deveria ser ensinada?”, 57,5% marcaram a opção “De maneira bem explícita, com regras, exemplos e muitos exercícios escritos”. Tanto é que para as alternativas: “De maneira superficial. Somente para que o aluno entenda os fatos linguísticos” e “De maneira implícita, num texto sem sua sistematização”, as quais sugerem uma abordagem gramatical de maneira indireta, obtiveram somente 5% cada, e na opção “Não é necessário ensiná-la”, nenhum informante a indicou como possível forma de aprendizagem do FLE.

Consoante tais informações, pode-se afirmar que a gramática auxilia no processo de ensino e aprendizagem do FLE de modo mais rápido e com maior eficácia, pois, parafraseando Mpanzu, somente os bebês aprendem a língua materna sem fazer perguntas metalinguísticas. Desse modo:

(...) é importante que se pense na gramática como algo que pode ajudar, como um amigo, na aquisição de língua estrangeira ou segunda. Quando se entende a gramática (ou sistema) de uma linguagem, pode-se entender muita coisa sem perguntar a um professor ou olhar em um livro. (*op. cit.*)

Nesse mesmo sentido, 32,5% apontaram a opção “Dentro de um texto, mas com a sistematização dos pontos em seguida”; trata-se, portanto, do texto como pretexto para a abordagem gramatical, mas que, como bem afirmou Mpanzu, é necessária para que os alunos possam estabelecer comparações lexicais e gramaticais entre a língua materna e a estrangeira em que o professor pode perfeitamente auxiliá-los nessas comparações.

Na questão 5: “Qual a sua atitude face à gramática no ensino de LE?”, a maior parte, 52,5%, informou que gosta de aprender gramática e 30% informaram que acham importante saber. Da mesma forma, na questão 6: “O que você considera importante para aprender a gramática?”, 47,5% informaram que devem saber as regras, 27,5% fazer exercícios, 20% a explicação do professor e 5% ter muitos

exemplos.

Na questão 7: 52,5% informaram que aprendem melhor se o professor comparar a gramática da língua materna com a do FLE; 35% se o professor conhecer bem a gramática e 12,5% informaram que aprendem melhor se os alunos tiverem um bom conhecimento de gramática em língua materna.

No tocante aos dados obtidos, vale observar que os informantes são acadêmicos do curso de licenciatura em língua francesa, portanto são aprendizes e futuros professores. Sendo assim, a opinião deles, de que preferem que a abordagem da gramática normativa faça parte da metodologia empregada pelo professor em sala de aula, reflete um conceito que sustentarão como profissionais de ensino de línguas e chancelam as palavras de Franchi:

Antes de ser um livro de etiquetas sociais ou um manual descritivo, a gramática é, de início, esse saber linguístico que todo falante possui, em um elevado grau de domínio e perfeição. (2006, p.99)

Dessa forma, fica evidente que os aprendizes, aqui pesquisados, ressaltam que a abordagem da gramática normativa lhes dá suporte e segurança em suas produções linguísticas, no seu sentido amplo e geral.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados analisados, o ensino de gramática, quando se refere ao âmbito da língua materna, deve assumir bem quais são seus propósitos, tendo em vista se tratar, neste caso, de contexto em que os alunos já dominam, ao menos, sua produção oral e escrita de uma modalidade linguística popular, isto é, da forma não padrão, não culta. Portanto, é preciso considerar que existe um cenário diferente no tocante à posição da gramática no ensino de LM e LE, pois neste os aprendizes não possuem, de maneira pressuposta, uma gramática interna da língua alvo.

Sendo assim, deve-se levar em conta que os questionamentos suscitados acerca do tratamento da gramática na disciplina de língua portuguesa (LM) das escolas de Ensino Fundamental e Médio não podem ser aplicados de igual maneira na abordagem da gramática nas aulas de LE. Além disso, acredita-se haver a necessidade de lançar mão do recurso aos conhecimentos científicos que possam alicerçar outras óticas, e, por conseguinte, suscitar um olhar diferente e mais receptível nos estudos em sala de aula concernentes aos preceitos da gramática. Conscientes desse fato, os professores de língua precisam buscar novos recursos didáticos visando a garantir um ensino eficiente que conduza o aluno a uma aprendizagem expressiva.

Como se pode comprovar, a gramática não deve ser excluída do processo de ensino e aprendizagem do FLE, visto que passou a dividir o espaço que ocupava com

outros elementos e conteúdos com a mesma relevância. Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a defender a postura de quem adota a abordagem de maneira ponderada e inteligente das regras gramaticais e que, sobretudo, não fazem delas seu único instrumento metodológico na tarefa de ensinar línguas.

Finalmente, é importante destacar a relevância de se ter desenvolvido, nesta pesquisa, uma prática reflexiva no tocante à função da gramática no processo de ensino e aprendizagem do FLE em contexto institucional. Sem dúvida que os resultados e considerações atingidos não possuem caráter dogmático, tendo em vista que cada contexto pode apresentar características peculiares. No entanto, acredita-se que possam oferecer referências para discussões sobre o ensino e aprendizagem do FLE visando o enriquecimento do seu processo de aquisição.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de língua sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

CUQ, Jean Pierre; GRUCA, Isabelle. **Cours de didactique de français langue étrangère et seconde**. Grenoble: PUG, 2002.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARTINEZ, Pierre. **Didática de línguas estrangeiras**. São Paulo: Parábola, 2009

MPANZU, Mona. Tendências atuais no ensino e aprendizagem da gramática das línguas não maternas. Disponível em: <http://monampanzu.over-blog.com/tendencias-atuais-no-ensino-e-aprendizagem-da-gramatica-das-linguas-nao-maternas>. Acesso em: 10 set. 2019.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa** – características, usos e possibilidades. Caderno de Pesquisas em Administração. São Paulo, v.1, n.3, 2º sem., 1996. Disponível em: http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/NEVES-Pesquisa_Qualitativa.pdf. Acesso em: 22/09/2019.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PIRES, Edvalda A. **A gramática no ensino de língua estrangeira**: de Sweet à abordagem comunicativa. In: Celani, Maria Antonieta Alba; Lopes, Amália de Melo, *et al.* (org) Ensino de segunda língua: redescobrimo as origens. São Paulo: EDUC, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2002.

VITULLO, Maria Elizabeth. **O Papel da Gramática no Ensino e na Aprendizagem de Francês - Língua Estrangeira**: Importância, Função e Delimitação. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

ANEXO

Questionário - Alunos

O questionário a seguir faz parte do Projeto de Pesquisa: “O ensino e aprendizagem do francês língua estrangeira (FLE): além da gramática”, desenvolvido pelo docente Edson J. Gomes, do Departamento de Letras Modernas-DLM/UEM, cujo tema é a análise dos aspectos que vão além do campo da gramática no processo de ensino/aprendizagem do FLE.

Série: Idade: Sexo: () masc () fem

1. Porque você escolheu estudar a língua francesa (LF)?

- () É uma vantagem no currículo.
- () É uma língua elegante.
- () Para ingressar no curso de Letras.
- () Para viajar à França.
- () Outros:

2. Por que você gosta de estudar a gramática da LF?

- () Facilita a aprendizagem da escrita e da fala.
- () Proporciona o desenvolvimento da competência linguística.
- () De modo geral, ajuda a dominar a língua.

3. Por que você não gosta de estudar a gramática da LF?

- () Não é necessária para desenvolver a competência linguística.
- () A fala (competência oral) não tem relação alguma com a gramática.
- () De modo geral, atrapalha o processo de aprendizagem.

(Doravante, questões extraídas de: VITULLO, 2011, p.165)

4. Como você acha que a gramática deveria ser ensinada?

- () De maneira bem explícita, com regras, exemplos e muitos exercícios escritos.
- () De maneira superficial. Somente para que o aluno entenda os fatos linguísticos.
- () De maneira implícita, num texto sem sua sistematização.
- () Dentro de um texto, mas com a sistematização dos pontos em seguida.
- () Não é necessário ensiná-la.

5. Qual a sua atitude face à gramática no ensino de língua estrangeira?

- () Gosto de aprender gramática em língua estrangeira.
- () Gosto de aprender gramática em língua materna.
- () Acho importante saber a gramática.
- () Acho muito aborrecido aprender a gramática.
- () Acho-a muito difícil. Não consigo entendê-la.
- () A gramática francesa é muito difícil.

6. O que você considera importante para aprender a gramática?

- () Saber as regras.
- () Fazer exercícios.
- () Ter muitos exemplos.
- () A explicação do professor.
- () As explicações do livro.

7. Você aprende melhor se:

- () O professor fizer a comparação entre a gramática de sua língua materna e a gramática do FLE.
- () O professor conhecer bem a gramática do FLE.
- () Você tiver um bom livro de gramática para estudar.
- () Você tiver um bom conhecimento de gramática em língua materna.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 73, 75, 76, 77, 90, 91, 92, 93, 96, 98, 99, 100, 101, 158, 163, 164, 167, 168, 170, 172, 173

Aprendizagem 3, 6, 12, 13, 17, 18, 19, 26, 27, 31, 35, 36, 38, 40, 48, 50, 52, 55, 59, 62, 65, 67, 71, 75, 79, 80, 81, 84, 87, 88, 91, 96, 98, 99, 100, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 132, 143, 157, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 193, 195, 214, 216, 217, 219, 222, 223, 224, 234, 237

Artes 12, 24, 28, 52, 71, 114, 198, 207, 208, 212

Atribuições 9, 17, 18, 103, 158

Avaliação 15, 16, 18, 19, 20, 30, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 60, 65, 67, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 98, 100, 111, 115, 117, 118, 120, 121, 124, 127, 128, 130, 151, 153, 162, 193, 194, 195, 196, 208, 222, 234

C

Campos de Experiência 214, 215, 219

Cego 73, 76, 77

Compreensão do Professor 122

Computador 56, 73, 76, 98

Concepções de Autismo 102, 141

Criatividade 5, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29, 215, 216, 218

Cultura Circense 214, 216, 219

D

Diagnóstico Precoce 139, 140, 153, 239

Dificuldade de Aprendizagem 122, 123, 124, 125, 126, 127

Discalculia 124, 125, 221, 222, 223, 224, 225, 230, 232, 233, 234

Dislexia 65, 66, 67, 70, 71, 115, 116, 124, 125, 231, 232

E

Educação Especial 9, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 101, 113, 124, 128, 129, 130, 131, 135, 139, 157, 158, 162

Educação Inclusiva 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 128, 129, 130, 131, 132, 158, 162

Educação Infantil 85, 113, 128, 130, 196, 214, 215, 217, 218, 219, 220

Educação Profissional 21, 22, 24, 26, 28, 194

E-Learning 73, 78

Ensino Inclusivo 129, 221

Escrita 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 98, 115, 117, 118, 120, 126, 179, 182, 183, 185, 194, 212

Escrita Manual 64, 65, 66, 67, 70

Espaços Centrais 198, 201

Estudos CTS 21, 28

F

Formação de Professores 8, 128, 157, 158, 160, 162, 187, 189, 190, 191, 195

Francês 174, 175, 180, 181, 182, 184, 185, 200

G

Gramática 15, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 185, 186

I

Inclusão 21, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 62, 67, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 128, 129, 130, 136, 139, 140, 155, 156, 157, 158, 162, 164, 169, 170, 172, 222, 223, 233

Inteligências Múltiplas 48, 49, 50, 52, 98

Interação Pessoa 73, 76

L

Leitura 33, 66, 68, 101, 106, 112, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 126, 127, 130, 133, 164

Língua Estrangeira 174, 175, 177, 182, 184, 185

M

Métodos de Estudo 48

Militar 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 189, 209

Música 132, 133, 134, 135, 136, 137, 218

N

Neurobiologia do Autismo 140

Neurociência 128

O

Ofícios 198, 204, 205, 206, 212

P

Papel 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 27, 36, 48, 49, 84, 88, 94, 104, 107, 110, 128, 129, 136, 159, 166, 170, 174, 176, 177, 184, 192, 199, 217, 218, 239, 240

Patrimônio Cultural 198, 205, 215, 216

Pedagogo 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 124, 242

Pensamento Sistêmico 30, 32, 36, 37

Políticas de Financiamento 79, 80, 83, 87

Prática Docente 3, 30, 160, 222, 233

Psicologia Histórico-Cultural 102, 103, 107, 112

S

Surdez 132, 133, 134, 135, 136, 137

T

Tabuada Geométrica 221, 223, 224, 225, 226, 233, 234

TEA 102, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 140, 141, 142, 144, 153

Tecnológica 3, 21, 22, 24, 26, 28, 40, 164

Transtorno de Aprendizagem 122, 123, 124, 125, 126, 127, 223, 224

Transtorno do Espectro Autista 102, 106, 139, 155, 156, 159

U

UX 73, 74, 76, 78

 **Atena**
Editora

2 0 2 0